

IDENTIDADE CULTURAL E GÊNERO NO PRINCIPADO ROMANO: UMA PROPOSTA DE ANÁLISE INTERSECCIONAL DAS REPRESENTAÇÕES DO IMPERADOR HELIOGÁBALO (SÉCULO III E.C.)^{*}

Semíramis Corsi Silva^{**}

Resumo: *Heliogábalos foi um jovem imperador romano de origem síriaca, membro da dinastia dos Severos que governou o Império Romano de 193 a 235 da era comum. Embora em um curto período de governo (218-222), representações extremamente negativas de Heliogábalos foram apresentadas em diversos textos contemporâneos e tardios ao seu governo. Tais representações enfatizam a construção negativa da imagem de Heliogábalos, apontando seu mau governo e suas performances de gênero desviantes das normas, associadas a certas práticas homoeróticas e aos seus descontroles sexuais. Da mesma forma, essas representações apontam os “abusos religiosos” do imperador, parte de seus costumes “bárbaros”. Viso, neste artigo, analisar as representações de Heliogábalos na documentação textual escrita por seus contemporâneos Dião Cássio, Herodiano e Filóstrato. Pretendo mostrar uma perspectiva de análise interseccional sobre aspectos de performances de gênero e identidade cultural para a melhor compreensão da imagem negativa de Heliogábalos nos textos.*

* Recebido em 20/10/2017 e aceito em 29/11/2017.

Este artigo faz parte da pesquisa pessoal da autora dentro do projeto de pesquisa guarda-chuva *Barbaridade: identidades e alteridades em representações do outro por escritores romanos*. Tal projeto encontra-se em desenvolvimento desde 2015, na Universidade Federal de Santa Maria – UFSM, pela autora e pelos estudantes membros do Grupo de Estudos sobre o Mundo Antigo Mediterrânico da UFSM – Gemam/UFSM. Esse projeto conta com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul – FAPERGS, através do Edital 01/2017- Auxílio Recém-doutor – ARD.

** Professora do Departamento de História e do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Santa Maria, UFSM. Doutora em História pela Universidade Estadual Paulista, Unesp/Franca. Pesquisadora do G.Leir/Unesp-Franca, do Atrivm/UFRJ, do Nech/PUC-GO e do Leir/USP. Pesquisadora e coordenadora do Grupo de Estudos sobre o Mundo Antigo Mediterrânico da UFSM – Gemam/UFSM e do Grupo de Trabalho História Antiga da Anpuh/RS – GTHA-RS.

Palavras-chave: Principado Romano; Heliogábalo; identidade cultural; performances de gênero.

CULTURAL IDENTITY AND GENDER IN THE ROMAN PRINCIPATE: A PROPOSAL FOR AN INTERSECCIONAL ANALYSIS OF THE REPRESENTATIONS OF THE EMPEROR HELIOGABALUS (3rd CENTURY CE)

Abstract: Heliogabalus was a young Roman Emperor from a Syriac origin, member of the Severan dynasty that ruled the Roman Empire from 193 to 235 of the common era. Although in a short period of government (218-222), extremely negative representations of Heliogabalus were presented in several contemporary and subsequent texts to his government. These representations emphasize the negative construction of Heliogabalus' image, pointing out his bad government and his deviant gender performances, associated with certain homoerotic practices and his supposed uncontrolled sexual manners. In the same way, these representations point to the "religious abuses" of the emperor; part of his "barbaric" customs. In this article, I aim to analyze the representations of Heliogabalus in the textual documentation written by his contemporaries Cassius Dio, Herodian and Philostratus. I intend to develop an intersectional analysis on those aspects of gender performances and cultural identity for a better understanding of the negative image of Heliogabalus in these texts.

Keywords: Roman Principate; Heliogabalus; cultural identity; gender performances.

Introdução

O objetivo deste artigo é apresentar uma proposta de leitura que venho desenvolvendo atualmente para compreender a construção discursiva negativa sobre Heliogábalo, imperador da dinastia dos Severos. A ideia de estudar Heliogábalo surgiu a partir da minha tese de Doutorado, apresentada na Universidade Estadual Paulista – UNESP/Franca, em 2014, quando defendi que elementos de identidade cultural eram essenciais para a manutenção da ordem imperial romana no contexto dos Severos por meio do estudo das obras de Flávio Filóstrato, e quando analisei também aspectos dos textos de Dião Cássio e Herodiano sobre o período severiano (193-235 EC.). Dessa forma, este texto faz parte de meu atual projeto de pesquisa intitulado: *Imagens de Heliogábalo: das afirmações identitárias, gênero e usos dos prazeres no Império Romano ao "êxtase libertário" em recepções da Antiguidade.*

Ainda durante o doutoramento, percebi a negligência que Heliogábalo tem recebido da historiografia. Não há muitos estudos sobre ele internacionalmente, pelo menos se comparado a vários outros imperadores do Principado – e, ao que me consta, sobre ele ainda não havia pesquisas no Brasil. Isso, por si só, já demonstra o grau de rejeição que Heliogábalo recebeu tanto em sua época como pela historiografia contemporânea. Em tempos de intolerâncias tão cruéis como as que vivenciamos cotidianamente, estudar personagens abjetas – para citar um termo caro aos estudos *queer* – mesmo que tais personagens sejam de contextos tão diferentes, é um exercício político, desafiador e instigante para pensarmos nossa própria atualidade – sempre, certamente, como um *inventário das diferenças*, como nos ensinou Paul Veyne (1983).¹

Inicialmente, o primeiro problema colocado aos estudiosos e estudiosas de Heliogábalo é sobre o que há de fato e ficção em torno da personagem. Nesse sentido, o historiador Leonardo Arrizabalaga y Prado (2014), por exemplo, acredita que o que é mostrado nos textos do período imperial sobre Heliogábalo apresenta uma ficção, chegando a chamar o Heliogábalo desses textos de um avatar de Vário, nome do imperador antes de assumir o cargo imperial. Diferentemente de Arrizabalaga y Prado (2014), não acredito que a cultura material traga verdades sobre a personagem: o que ela pode trazer são imagens e versões oficiais de seus feitos em alguns casos, como nas moedas, por exemplo. Já em relação aos textos, também diferente de Arrizabalaga (2014), não os tomarei nem como fato, nem como ficção, mas como demonstração da possibilidade de existência de uma personagem como Heliogábalo.

Dessa forma, serão analisados aqui os escritos dos historiadores Dião Cássio e Herodiano, e do biógrafo e sofista Flávio Filóstrato, sendo que os três, ainda que de maneira diferente em alguns elementos, apresentam um olhar aristocrático sobre os acontecimentos que relatam. Dião Cássio nasceu em Niceia (Província da Bitínia e Ponto), foi um historiador e homem público da ordem senatorial. Foi governador de províncias, tendo uma importante carreira política. Dião Cássio fez parte da corte imperial severiana entre 200 e 210, e chegou a dividir o consulado com Severo Alexandre em 229, o segundo consulado do historiador. Dião foi também um dos *amici* (conselheiros) de Severo Alexandre (CROOK, 1975, p. 91). Filóstrato era membro da elite ateniense e, possivelmente, *ab epistulis* sob o governo de Caracala (BOWERSOCK, 1969, p. 106-108), sendo muito próximo da pri-

meira imperatriz severiana Júlia Domna (FILÓSTRATO.VA. I, 3). Já Herodiano era de origem social desconhecida e foi, possivelmente, um procurador equestre ou um liberto imperial, mas seguiu em seu texto o olhar aristocrático como membro dos altos postos do governo romano.² Os três autores foram contemporâneos de Heliogábalo e muito próximos da corte severiana.³

Diante disso, questiono também a ideia de Arrizabalaga y Prado (2014) de que os textos trazem uma grande ficção sobre Heliogábalo, pois o historiador desconsidera que Dião Cássio, Herodiano e Filóstrato, que certamente tiveram exageros retóricos, dele foram contemporâneos e estavam escrevendo também para um público que, pelo menos no momento em que as obras foram dadas a ler, compartilhava conhecimentos sobre o imperador. Portanto, os escritores que trabalharei não podiam inventar um avatar, como defende o historiador supracitado.

Assim, as questões que coloco neste texto são: Por que os escritores de tradição aristocrática tanto detestavam Heliogábalo? O que ele fez, ou disseram exageradamente que ele fez, que os incomodava tanto? Como as mensagens transmitidas pelos escritores nos revelam aspectos importantes sobre cultura e governabilidade no Principado Romano e o que eles nos revelam sobre a ordem imperial romana? Qual a chave interpretativa mais apropriada para esses textos difamatórios? Começemos com uma apresentação geral do imperador estudado.

1. Em torno de Heliogábalo

Heliogábalo foi um jovem imperador romano de origem síriaca, filho de pai e mãe síriacos (DIÃO CÁSSIO. **História Romana**, LXXIX, 30, 2), nascido e criado na Síria até se tornar imperador romano. Era membro da dinastia severiana, que governou o Império Romano entre 193 e 235. Em curto período de governo (218-222), sua imagem foi retratada em diversos documentos textuais, com exageradas extravagâncias bárbaras bem como forte carga de desvio dos padrões normativos de gênero e abuso de práticas sexuais. Descendente da família severiana por parte da esposa do primeiro imperador da dinastia, a princesa síria e imperatriz romana Júlia Domna, esposa de Septímio Severo, Heliogábalo tem seu poder transmitido de forma matrilinear: era filho da também princesa síria Júlia Soêmia, filha de Júlia Mesa, a irmã da imperatriz Júlia Domna. Ou seja, além da característica de ser uma dinastia de raízes não itálicas e a primeira de uma região

oriental, os Severos trazem consigo a transmissão de poder por via de suas mulheres e o poder impactante das mesmas sob o governo imperial, poder este transmitido em textos e documentos da cultura material.

Heliogábalo chegou ao poder em 218. Desde sua ascensão, já vemos nos textos os autores insatisfeitos com o jovem *princeps*, que ascende ao cargo com apenas catorze anos e começa uma série de medidas político-administrativas que a eles não agradam. Pelo que os documentos de sua época indicam, a personagem ainda não recebia essa denominação. Nos textos escritos por Dião Cássio, Filóstrato e Herodiano, Heliogábalo é tratado como Avito, Falso Antonino, *Gynnidós*, Sardanápalo e Tiberino.

O nome de nascimento de Heliogábalo é Vário Avito Basiano, mas passou a chamar-se Marco Aurélio Antonino quando foi aclamado imperador, em referência aos imperadores Antoninos admirados pelos Severos e a Caracala, imperador severiano antecessor que recebeu o nome de Antonino e cuja paternidade de Heliogábalo a ele é atribuída (HERODIANO. **História do Império Romano**, V, 3, 10; DIÃO CÁSSIO. **História Romana**, LX-XIX, 32; 2-3), possivelmente como forma de legitimação de seu governo. O nome latinizado *Heliogabalus* vem de uma tradição tardia, como vemos na *Vita Heliogabali* da **História Augusta**, e faz referência a Elagabal, o deus solar de sua cidade natal, Emesa, na Síria, divindade da qual ele foi um fiel sacerdote. O imperador elevou o culto a Elagabal para além dos limites do que era aceito pela elite da cidade de Roma, o que o marcou a ponto de receber tal denominação futuramente.

Da mesma forma que a tradição escrita tratou negativamente o jovem imperador em vários sentidos, os escritores não deixaram de chamá-lo por nomes pejorativos como Falso Antonino, questionando a busca de parentesco e legitimação dos Severos com a dinastia dos Antoninos e a paternidade de Caracala para Heliogábalo.

Gynnidós (do termo grego γυνή–mulher) é outra denominação que encontrei nas fontes para o imperador, fazendo referência negativa a ele como mulher, em nossa leitura (FILÓSTRATO.VS. II, 625), ou, pior ainda, a denominação Sardanápalo (HERODIANO. **História Romana**, LXXX, 1, 1; DIÃO CÁSSIO.**História Romana**, LXXX, 11; 12). Sardanápalo é conhecido por meio da **Biblioteca Histórica** de Diodoro Sículo, escritor do século I aE.C., e, segundo Diodoro, foi um rei assírio cuja real existência não é confirmada, vestia roupas femininas e usava maquiagem. Tinha mui-

tos concubinos – não só mulheres, mas também homens. Seu estilo de vida causou insatisfação aos demais comandantes do Império Assírio, o que teria levado a uma conspiração contra ele. Sardanápalo teria vivido no século VII aEC. e é retratado como uma figura hedonista, “decadente”, que morreu numa orgia de destruição (DIODORO. **Biblioteca Histórica**, II, 23). Só por se atribuir tal denominação a Heliogábalo, já se pode constatar como os autores o viam: com forte carga negativa, relacionando-o diretamente aos considerados excessos de um déspota oriental.

Em relação aos demais elementos negativos atribuídos a Heliogábalo e apontados pela tradição escrita, divido-os em duas classificações que, certamente, estão relacionadas: 1) elementos de seu governo e práticas político-religiosas ligadas à sua identidade cultural; 2) elementos ligados às representações de performances de gênero e seu uso, ou mais especificamente, mau uso dos prazeres amorosos e eróticos, em especial homoeróticos, e sua “transexualidade”.⁴ Analisarei, a seguir, os primeiros elementos.

2. Identidade cultural e “extravagâncias” político-religiosas

Sobre os elementos de governo ligados à identidade cultural, temos que uma das primeiras coisas que Heliogábalo faz ao se tornar imperador é construir em Roma um templo para adoração ao deus solar Elagabal (HERODIANO. **História do Império Romano**, V, 5, 8), ao qual seus ancestrais siríacos, ele e o futuro imperador Severo Alexandre estavam ligados por tradição enquanto sacerdotes. Nesse templo uma pedra negra servia de estátua do deus, cuja adoração é tida como coisa de “bárbaros” pelos escritores do período, que nos dizem:

Os dois garotos [referindo-se aos futuros imperadores Heliogábalo e Severo Alexandre] eram sacerdotes do Sol, a quem veneram os habitantes daquela região com o nome fenício de Elagabal. Este povo construiu um grandioso templo, sem economizar no ouro e na prata, com muitas pedras. Não apenas lhe rendem culto os habitantes do lugar, mas todos os sátrapas vizinhos e os reis bárbaros, que cada ano enviam oferendas caras ao deus com o desejo de serem diferenciados. Não se vê nenhuma estátua que represente o deus feita pela mão do homem, como as dos gregos e as dos romanos. Há, no entanto, uma pedra enorme, de base redonda e com uma

ponta em cima, cônica e negra. Garantem, com orgulho, que caiu do céu, e mostram pequenas saliências e incisões em sua superfície, acreditam que é a imagem do Sol, na qual a mão do homem não interveio. É assim que a veem. (HERODIANO. **História do Império Romano**, V, 3, 4-5 –grifos meus)

A partir de estudos arqueológicos, temos a possível localização do templo de Elagabal no Palatino, o centro político-administrativo da cidade de Roma, embora não haja consenso entre os pesquisadores sobre isso (ARRIZABALAGA Y PRADO, 2014, p. 147). No entanto, os estudos arqueológicos localizaram um templo para divindades de origens siríacas, construído anteriormente na região do Transtevere, também em Roma. Segundo Arrizabalaga y Prado (2014, p. 147), os artefatos nele encontrados mostram o culto a Elagabal em Roma, antes do governo de Heliogábalo, sendo o templo, possivelmente, do período de governo de Septímio Severo (193-211) e/ou Caracala (211-217). Há também diversas moedas que mostram a devoção de Caracala por Elagabal.⁵

Portanto, se a cultura material nos apresenta que já havia o culto à divindade solar de Emesa em Roma, antes de Heliogábalo, a pergunta é: por que esse imperador foi tão criticado ao cultuar Elagabal, o mesmo não acontecendo a seus antecessores – inclusive Severo Alexandre, seu sucessor ?

A **História Augusta** (Vida de Heliogábalo, III, 5) chega a comentar que Heliogábalo queria implantar um monoteísmo em Roma, o que os escritores seus contemporâneos não comentam – e o que não vemos em uma análise apurada dos textos e da cultura material, mas o contrário: há moedas da época cunhadas com referência aos deuses Marte, Cibele, Juno, Júpiter e Vênus, por exemplo (ARRIZABALAGA Y PRADO, 2014, p.75). Entretanto, como nos mostra Erika Manders (2012, p. 147), estudiosa da numismática dos imperadores romanos, as moedas testemunham a força da religiosidade de Heliogábalo e do que ela chama de reformas administrativas que ele tenta implantar, havendo preponderância de moedas em torno de Elagabal. Não foi a implantação de um monoteísmo propriamente, mas Júpiter parece ter ficado em segundo plano, segundo Manders (2012, p. 147). Além disso, percebo que Herodiano (**História do Império Romano**, V, 6, 3-5) comenta que Heliogábalo tentou casar Elagabal com Palas, e depois com a deusa Urânia, deusa associada à divindade siríaca de Atargátis, símbolo da Lua. Leio tal passagem como uma espécie de encontro cultural

que o imperador buscou desenvolver em seu governo, uma tentativa político-administrativa de conciliar elementos de sua cultura com elementos da cultura greco-romana, o que contraria a ideia do monoteísmo da **História Augusta**.

Mas, segundo os escritores contemporâneos de Heliogábalo, o imperador colocou Elagabal acima do próprio deus Júpiter Capitolino (HERODIANO, **História do Império Romano**, V, 10; DIÃO CÁSSIO, **História Romana**, LXXX, 11), tão tradicional ao Panteão Romano – o que também aparece nas moedas, segundo a análise de Manders. A moeda apresentada a seguir, assim como outras várias do mesmo tipo, parece mostrar a existência de uma procissão em Roma que levava a pedra de Elagabal.



Fig. 1 Áureo de Heliogábalo cunhado em Antioquia entre os anos de 218 e 219. Anverso: Antonino com a coroa de louros, com a legenda IMP C M AVR ANTONINVS P F AVG. Reverso: quadriga carregando a pedra negra de Emesa. Legenda SANCT DEO SOLI ELAGABAL. Ref.: RIC IV, II, 196A.

Temos também estudos arqueológicos sobre a possibilidade de que dois sítios em Roma sejam uma *villa* suburbana, onde supostamente Heliogábalo realizava corridas de cavalos, e um templo para Elagabal, também suburbano (ARRIZABALAGA Y PRADO, 2014, p 147), sendo estes, para mim, possivelmente, o templo e o circo comentados por Herodiano com grande espanto nesta passagem:

Construiu [referindo-se a Heliogábalo] fora de Roma um enorme e magnífico templo, onde levava o deus todo ano no meio do verão. Instituiu todo tipo de festas e construiu circos para as corridas de cavalo e teatros [...]. Para conduzir o deus da cidade para fora, o

*colocava em uma biga coberta de ouro e pedras preciosas. A biga era constituída por seis grandes cavalos brancos sem manchas, com arreios de ouro e ricos ornamentos. Ninguém segurava nas rédeas, e ninguém estava na carruagem; o veículo era conduzido como se o próprio deus fosse o cocheiro da biga. Antonino corria de costas à frente da carruagem, olhando para o deus e segurando nas rédeas dos cavalos. Ele fazia toda a viagem nesta maneira contrária, olhando para a face do seu deus. (HERODIANO. **História do Império Romano**, V, 6, 6-8 – grifo meu)*

De maneira geral, vejo que a forma como Heliogábalo cultuava Elagabal era uma marca da barbaridade no coração do Império – não era um monoteísmo, mas, apesar de sua tentativa sincrética, ele ultrapassava uma fronteira nos limites da ordem imperial romana que seus antecessores não haviam ultrapassado, ainda que tivessem levado para Roma o culto a esse deus. Portanto, ao que me parece, o problema não estava simplesmente no culto à divindade estrangeira: há outros agravantes que precisam ser somados. Vamos a eles.

Heliogábalo se vestia e se comportava como bárbaro: segundo as representações da documentação escrita, o imperador se negava a usar a toga, característica da elite romana. Da mesma maneira, ele é mostrado dançando e se maquiando aos moldes bárbaros.

*Além disso, ele era frequentemente visto, até mesmo em público, usando vestimentas bárbaras [τὴν ἐσθῆτα τὴν βαρβαρικὴν] que os sacerdotes sírios usavam, e isso foi a razão de receber o apelido de “O assírio”. (DIÃO CÁSSIO. **História Romana**, LXXX, 11, 2 – grifo meu)*

Sua roupa estava entre as vestimentas dos sacerdotes fenícios e a luxuosa indumentária dos medos. Detestava os vestidos romanos e gregos porque, dizia, estavam feitos de lã, uma matéria-prima pobre. Apenas gostava dos tecidos de seda. Aparecia em público ao som de flautas e tambores, sem dúvida, em honra ao seu deus.

Ao vê-lo dessa maneira, Mesa se enfadava muito e, suplicante, tentava convencê-lo de que, ao se aproximar de Roma, com sua entrada no Senado, trocasse aquelas roupas por uma vestimenta romana. Temia que aquela roupa estranha e bárbara em todos os

*detalhes causasse desgosto aos que o vissem por não estarem acostumados. Temia que pensassem que aquilo não se tratava de coisas de homem, mas de mulher. Mas Antonino menosprezou o conselho da anciã e ninguém o convenceu. (HERODIANO. **História do Império Romano**, V, 5, 4-6 – *grifos meus*)*

*Frequentemente se via Antonino conduzindo seu carro ou dançando, e não tratava de ocultar seus vícios. Aparecia em público com os olhos pintados e com carmim em suas bochechas, estragando seu rosto com maquiagens lamentáveis. (HERODIANO. **História do Império Romano**, V, 6, 10)*

Filóstrato, na obra **Vida de Apolônio de Tiana**, em uma passagem (interpretada por mim como metafórica) durante a narração sobre a estadia de Apolônio na Índia, apresenta a chegada de um rei indiano de nome não mencionado à terra dos sábios. O rei chega junto com alvoroço de pessoas, vestido cheio de pedras e fausto como os persas, segundo o texto. Esse rei é considerado desprovido de inteligência, fala coisas sem sentido, detesta os gregos e não fala a língua grega, a ponto de precisar se comunicar com Apolônio usando um intérprete (VA.III, 31). A apresentação desse rei de nome não mencionado é uma metáfora de Heliogábalo (com suas roupas estranhas aos olhos dos gregos e romanos de elite, sempre acompanhado de muitos rumores sobre sua vida) feita por Filóstrato. Assim, acredito que Filóstrato demonstra concordar com seus contemporâneos Dião Cássio e Herodiano sobre a imagem negativa de Heliogábalo e sobre os valores greco-romanos esperados de um imperador romano.

Da mesma maneira, Filóstrato apresenta na **Vida de Apolônio de Tiana** um rei indiano tido como ideal, Fraotes, conhecedor da língua grega, tendo ao seu lado sábios indianos como professores e conselheiros. Já o rei indiano criticado desprezava os sábios brâmanes conhecedores da cultura grega. Está aí mais uma metáfora em relação a Heliogábalo e Severo Alexandre. Segundo Dião Cássio (**História Romana**, LXXX, 3, 3), Heliogábalo desvirtuou os cargos mais tradicionais de Roma colocando homens sem experiência política, homens que nunca haviam estado na cidade em altos postos de governo, além de alguns de seus aliados serem afeitos a práticas indignas para um ocupante de cargos político-militares, como o caso de Públio Valério Comazon, o prefeito do pretório de Heliogábalo, que gostava de dançar e atuar no teatro, artes desprezíveis para atuação dos homens

públicos, segundo os costumes moralistas.⁶ Conforme Herodiano (**História do Império Romano**, V, 7, 6), Heliogábalo expulsou do palácio os mestres gregos e romanos de seu primo Severo Alexandre, chegando a matar alguns deles. Verdade ou não, essas ideias fazem refletir sobre como os escritores da época defenderam que Heliogábalo ultrapassou os limites em relação às práticas que valorizavam o cultivo dos costumes greco-romanos, espaço discursivo necessário à ordem imperial, embasado na cultura e na construção identitária. Em relação à metáfora de Filóstrato, o biógrafo de Apolônio de Tiana mostra como Heliogábalo errava não tendo ao lado homens sábios de cultura helênica como ele e os sofistas, grupo do qual Filóstrato fazia parte, assim como errava o rei indiano criticado ao menosprezar os sábios brâmanes. Em tal metáfora vê-se a concordância de Filóstrato com as informações de Dião e Herodiano.⁷

O espaço discursivo da cultura greco-romana que deveria ser respeitado pelos imperadores está claro nesta passagem de Herodiano, em que vemos Júlia Mamae tentando mudar os planos educacionais para o imperador Severo Alexandre, diferenciando-o de Heliogábalo:

*Mas Mamae o retirou daquelas atividades vergonhosas e impróprias de um imperador; buscou em segredo mestres de todas as disciplinas e o exercitava em práticas de moderação, ao mesmo tempo que o habituava às palestras e aos exercícios viris, dando-lhe uma educação grega e romana. (HERODIANO. **História do Império Romano**, V, 7, 5 – *grifos meus*)*

Ao perceber a existência de elementos culturais que deveriam ser seguidos pelos governantes neste contexto, estou corroborando uma historiografia que percebe a existência de uma cultura das elites no Império Romano, formada especialmente por elementos culturais gregos e romanos em interação. Seguindo tal historiografia, defendo que, durante o Império, foi construída uma identificação greco-romana entre os grupos privilegiados, identificação essa que foi fator de coesão e ordem no mundo imperial romano, embora as culturas dentro do Império fossem muito mais plurais e em cada região a cultura de elite se hibridizasse de diferentes formas e ritmos. Dentre os historiadores que trabalham com tal percepção, Greg Woolf (1998), Janet Huskinson (2000) e Andrew Wallace-Hadrill (2008) são exemplos.

Além disso, deve ser considerado que o Império Romano do período dos Severos esteve envolto em guerra contra os povos iranianos, partos e persas. Portanto, um imperador como Heliogábalos, que se aproximava culturalmente, de alguma forma, segundo os textos, desses povos inimigos, era, aos olhos das elites greco-romanas, um terror dentro do Império Romano – lembremos que Dião Cássio (**História Romana**, LXXX, 11, 2) conta que ele era chamado, inclusive, de *assírio*. Portanto, parece que seus contemporâneos o ligavam culturalmente a esses inimigos iranianos, já que a Síria fora parte do território dos assírios, depois conquistado pelos povos iranianos.

No entanto, pela leitura da documentação textual contemporânea a Heliogábalos, outro elemento marca decisivamente suas representações: suas performances de gênero e usos dos prazeres.

3. As performances de gênero de Heliogábalos

Percebendo a intersecção de aspectos dos costumes de Heliogábalos tidos como bárbaros em questões relacionadas a gênero e sexualidade, temos a descrição de feitos considerados horríveis, justamente porque bárbaros, contados como tendo sido por ele cometidos junto com sua mãe e avó, segundo Dião Cássio:

*Não descreverei os cantos bárbaros [τάς τε βαρβαρικὰς ᾠδὰς] que Sardanapalos junto com sua mãe e avó cantaram a Elagabalos, ou os sacrifícios secretos que ele ofereceu ao deus, matando garotos e usando encantamentos, na verdade, alimentando um leão, um macaco e uma serpente no templo dos deuses, jogando no meio deles órgãos genitais de homens [αἰδοῖά τε ἀνθρώπου ἐμβολῶν] e agindo impiedosamente [καὶ ἄλλ' ἄττα ἀνοσιουργῶν], enquanto usava invariavelmente inúmeros amuletos. Importante elencar que ele foi ao absurdo extremo a ponto de cortejar uma mulher para Elagabalos, como se o deus tivesse qualquer necessidade de casar e ter filhos. (DIÃO CÁSSIO. **História Romana**, LXXX, 11; 12 – grifo meu)*

O significado desse ritual não está claro. Para Martijn Icks (2015, p. 211), talvez os órgãos genitais humanos jogados ao deus pudessem fazer alguma referência aos *galli*, sacerdotes castrados da deusa frígia Cibele, já que, como trabalharei a seguir, Heliogábalos também desejava se emascular.

Ao que me parece pela leitura dessas fontes, um rito ligado à circuncisão, castração ou até a um tipo de emasculação era uma característica do culto de Elagabal. Com esse mesmo elemento, somado ao fato de não comer carne de porco, Heliogábalo também é aproximado de certas tradições judias, em minha leitura. Sobre isso, Dião Cássio nos diz:

Também por se circuncidar e se abster da carne de porco, com o fundamento de que sua devoção deveria ser mais pura. Ele havia planejado, de fato, cortar seus órgãos genitais completamente, mas o desejo foi motivado unicamente por sua efeminação [τῆς μαλακίας]. A circuncisão que ele efetivamente realizou foi uma parte dos requisitos sacerdotais de Elagabal, e, da mesma forma, ele conseqüentemente mutilou muitos de seus companheiros. (DIÃO CÁSSIO. **História Romana**, LXXX, 11, 2 – grifo meu)

Como vemos, Dião defende que as práticas ritualísticas dedicadas a Elagabal envolviam a circuncisão e até a emasculação. E Dião nos diz claramente que Heliogábalo queria mesmo se emascular, desejando ter uma vagina, plano que não deu certo: “Sua luxúria chegou a tal ponto que ele pediu aos médicos [τοὺς ἰατροὺς] que inventassem a vagina de uma mulher [αἰδῶ γυναικείαν] em seu corpo, por meio de uma incisão, prometendo a eles grandes somas como pagamento” (DIÃO CÁSSIO. **História Romana**, LXXX, 17, 1).

É também Dião Cássio que conta detalhadamente sobre as paixões homoeróticas de Heliogábalo, lembrando que ele chegou a ter dois maridos. Heliogábalo casou-se várias vezes: primeiramente, com a aristocrata Júlia Cornélia Paula; depois, com uma virgem vestal chamada Júlia Aquila Severa; depois, com outra aristocrata chamada Annia Faustina; e, depois, novamente com Júlia Aquila Severa. Também segundo Dião, ele casou-se depois com Hierocles, um escravo, mas voltaria a casar-se com Júlia Cornélia Paula; e por fim, o casamento com o atleta Aurélio Zótico. Em quatro anos de governo, portanto, temos sete casamentos, sendo que um deles é com uma vestal, um crime aos olhos dos romanos, e, em dois, ele repete a esposa. Portanto, homoerotismo e “transexualidade” somados ao excesso de relações com mulheres são características da representação de Heliogábalo em Dião Cássio. Sobre seus casamentos e relacionamentos homoeróticos, temos várias passagens na documentação textual. Destaco algumas:

*Uma importância será dada aos seus casamentos, pois ele tanto escolheu casar como foi escolhido em casamento, e ele se parecia tanto com um homem quanto com uma mulher, e ambas as relações ele as conduzia da maneira libertinosa [ἀσελεύστατα] para a moda da época. (DIÃO CÁSSIO, **História Romana**, LXXX, 5, 5)*

*O homem dela [ὀδῆδὴνῆρ] era Hierocles, um escravo cário, uma vez que era o favorito de Gordio, com quem ele havia aprendido a dirigir as bigas. Foi nessa aliança que ele ganhou a gentileza do imperador pela mais notável sorte. Parece que, em uma determinada corrida, Hierocles caiu de sua carruagem em frente ao assento de Sardanápalo, perdendo seu capacete durante a queda, e estava ainda sem barba e adornado com uma coroa de cabelo amarelo. Ele atraiu a atenção do imperador e imediatamente correu para o palácio, e, por seus feitos noturnos, ele cativou Sardanápalo mais do que nunca e se tornou extremamente poderoso [...]. (DIÃO CÁSSIO, **História Romana**, LXXX, 15, 1)*

*Alguns outros homens também foram frequentemente homenageados pelo imperador e tornaram-se poderosos, alguns porque haviam se juntado em sua rebelião, e outros porque cometiam adultério com ele. Pois ele desejava ter a reputação de adúltero, já que desta maneira ele podia também imitar as mulheres mais lascivas [τὰς ἀσελεύστατας γυναικας]. Assim, ele costumava se permitir ser pego em flagrante por seu homem, que era violento e o espancava, por isso ele tinha os olhos negros. (DIÃO CÁSSIO, **História Romana**, LXXX, 15, 3-4 – grifo meu)*

Essa última passagem de Dião Cássio se torna especialmente interessante, pois, além de ressaltar o conteúdo de violência que o historiador via na relação homoerótica do imperador e sua vontade de se parecer com as mulheres mais lascivas, ainda destaca uma característica que talvez possa ser marca da própria fisionomia de Heliogábalo, um sírio de origens semíticas: as olheiras e olhos profundos – o que, no entanto, é citado pelo historiador aristocrata como marca de sua devassidão e gosto por apanhar do marido, ou melhor, de seu homem – ἄνῆρ, termo usado por Dião. E a falta de controle, tão típica das imagens femininas na literatura greco-romana e tão degradante para o *uir* romano, continua:

Sua afeição por esse homem não era uma inclinação leve, mas uma paixão ardente, tanto que ele não só não se tornou polêmico por qualquer tipo de tratamento grosseiro, mas, pelo contrário, o amava ainda mais por isso e queria fazer dele, de fato, o próprio César, e chegou a ameaçar sua avó quando ela se opôs a ele nesse assunto, e entrou em desacordo com a maioria dos soldados por causa desse homem. Essa era uma das coisas que estavam causando a sua destruição. (DIÃO CASSIO. **História Romana**, LXXX, 15, 4-16, 1 – grifo meu)

Temos outra interessante passagem de Dião sobre o imperador, agora sobre outro amor homoerótico com um novo escravo. E, novamente, podemos ver a força da descrição feminina de Heliogábalo:

Aurélio Zótico, um nativo de Esmirna, que também era chamado de cozinheiro depois de ter sido comercializado por seu pai, atraiu tanto o amor e o ódio profundo do imperador, e por esta última razão sua vida foi salva. Aurélio não tinha apenas um corpo que era todo lindo, vendo que ele era um atleta, mas, em particular, ele superou todos os outros por conta do tamanho excessivamente grande de suas partes íntimas [τῶναιδοίωνμεγέθειὑπεραίρων]. Esse fato foi relatado ao imperador por aqueles que estavam à procura dessas coisas.

[...] quando Aurélio se dirigiu a ele com a saudação habitual: “Salve! Meu Senhor imperador!”, ele inclinou o pescoço, assumindo uma pose feminina arrebatadora, e, virando os olhos com um olhar derretido por ele, respondeu sem qualquer hesitação: “Não me chame de Senhor, pois eu sou uma senhora” [μή με λέγε κύριον ἐγὼ γὰρ κυρία εἶμι]. (DIÃO CÁSSIO. **História Romana**, LXXX, 16, 1 – grifo meu)

Minha interpretação das passagens anteriormente transcritas parte da ideia, inicialmente, de que Dião Cássio busca difamar o jovem *princeps* não por suas práticas homoeróticas e usos dos prazeres com homens simplesmente, mas por seu exagero e seu papel enquanto sujeito passivo, feminino, descontrolado, subalterno, o que era desonroso a um *uir* e, mais ainda, a um imperador.⁸ Vejamos que o escritor ressalta a origem de seus amantes: escravos. O Heliogábalo dos textos era submisso a outro homem, e esse homem era escravo. Heliogábalo, portanto, usa dos prazeres de forma exa-

gerada e performatiza elementos típicos do que era considerado próprio de mulheres, na época, por pessoas como os escritores dos textos tratados.⁹

Já sobre a cirurgia de emasculação, é provável que as alusões sobre sua intenção de se “transexualizar” sejam apropriações de elementos ligados aos sacerdotes castrados dos cultos da deusa frígia Cibele, já citado, da deusa síria Atargátis e do próprio Elagabal, pois é bem possível que houvesse tal característica no sacerdócio desse deus. Tais apropriações dos cultos por Dião Cássio, segundo a historiadora portuguesa Cláudia Teixeira (2008, p. 199), ecoam nas referências à dança frenética descrita em outra passagem, refletindo um rito da deusa Salambo, também de origem síria.

Concordo com a historiadora anteriormente citada: há eco das acusações contra Heliogábalo por realizar sacrifícios humanos em honra a Elagabal nas acusações estereotipadas de sacrifício de vidas humanas, lançadas muitas vezes contra judeus e cristãos. Lembro que a mesma acusação era feita, na época, às pessoas consideradas praticantes de *goeteia*, magia considerada nefasta no Império Romano pelas leis e textos literários.

A **História Augusta** (Vida de Heliogábalo, 7,1), dentro de toda problemática que cabe à crítica realizar em relação à obra, pode nos confirmar a ideia das possíveis apropriações realizadas por Dião Cássio, contando-nos que Heliogábalo era iniciado nos cultos à Magna Mater – no caso, referindo-se à deusa Cibele – e no culto à deusa Salambo, realizando tudo que os sacerdotes castrados de Cibele e Salambo praticavam. Portanto, ao que me parece, os autores contemporâneos de Heliogábalo gastaram tinta na retórica, mas não inventaram a possibilidade de ele desejar ter uma vagina e performatizar características consideradas próprias de uma mulher.

Ainda que concorde com a leitura de que a emasculação de Heliogábalo em Dião Cássio esteja ligada a seus cultos religiosos, acredito que tal leitura não percebe, por forças de suas limitações ou da própria abjeção ao tipo de prática, a “transexualidade” em termos de sexo e de performances de gênero do imperador, o que era possível na Antiguidade e o que a prática dos próprios sacerdotes/sacerdotisas de Cibele e Atargátis mostram.¹⁰

Percebo ainda que a transformação da genitália de Heliogábalo ligada ao culto religioso esconde um importante elemento: o prazer e o corpo. Até que ponto o uso desse novo órgão sexual ou de vestimentas femininas não traria prazer ao sujeito? Tal leitura não percebe possibilidade de existência de desejo, prazer e “transexualidade”, e lança apenas para o campo religio-

so uma questão sobre corpo que, para mim, não estava separada da religiosidade certamente, mas precisa ser pensada e problematizada dentro dos usos dos prazeres e identidades de gênero naquele contexto. Enfim, são questões iniciais que pretendo ampliar e, claro, responder em breve. Pensando, portanto, representações, mas também possibilidades de práticas, ampliando e indo além da percepção das normas e convenções tão presentes nos textos desses aristocratas que estavam, acima de tudo, disputando poder com os imperadores e jogavam com essas representações em suas disputas.

Outro elemento que vejo nos textos trazendo uma analogia de Heliogábalos com o feminino é a base de sucessão de sua dinastia pelas mulheres e a forte presença desse poder feminino no governo do período severiano, um problema para a sociedade falocêntrica de Roma.¹¹ As mulheres, no caso, são princesas de origem oriental: Júlia Domna, Júlia Mesa, Júlia Soêmia e Júlia Mamea.

Sobre Júlia Domna, temos Dião Cássio (**História Romana**, LXXIX, 23, 3) comentando que ela gostaria de governar Roma após a morte do filho Caracala, aos moldes de lendárias rainhas orientais que governaram sem estar à sombra de um homem. Nesse mesmo trecho de Dião Cássio, além de uma crítica aos desejos políticos de Júlia Domna, lemos uma aproximação da imperatriz romana com o Oriente, mais especificamente com os assírios, citando duas rainhas assírias:

*E conseqüentemente, assumiu seu filho de uma maneira mais agradável, pois ela esperava para se tornar a única governante e queria fazer igual a Semíramis e Nitócris, já que estava se sentindo da mesma forma que elas.*¹² (DIÃO CÁSSIO. **História Romana**, LXXIX, 23, 3 – grifo meu)

As rainhas assírias chamadas na tradição greco-romana de Semíramis e Nitócris são conhecidas, especialmente, pela obra de Heródoto. Nitócris e Semíramis foram, conforme o historiador grego, as duas únicas rainhas a governar a Babilônia, sendo que Nitócris precede a Semíramis em cinco gerações. Em suas descrições das rainhas, Heródoto (**Histórias**, I, 184-187) as apresenta como fortes governantes construtoras de obras que contribuíram para a defesa da Babilônia. Acredito que, ao comparar Júlia Domna com essas rainhas, Dião Cássio busca conhecimento em tradições compartilhadas sobre o poder dessas mulheres, marcando o poder feminino oriental de Júlia Domna frente ao governo de sua época.

Outra importante mulher frente à corte severiana foi Júlia Mesa, a irmã de Júlia Domna, mãe de Júlia Soêmia e de Júlia Mamea, e avó dos imperadores Heliogábalo e Severo Alexandre. Mesa é considerada na documentação textual como a grande responsável pela queda do assassino de Caracala e usurpador do poder severiano, Macrino (217-218), e pela volta dos Severos ao poder imperial com a ascensão de Heliogábalo. Conforme conta Herodiano (**História do Império Romano**, V, 3, 3; 4, 1-2), foi Mesa que financiou os soldados para aclamarem Heliogábalo. A documentação frisa que ela, seguida de suas filhas Soêmia e Mamea, controlou o poder durante o governo de Heliogábalo, e, depois, de Severo Alexandre. As princesas sírias, como ficaram conhecidas, também receberam muitos títulos e são vastamente representadas nas moedas do período severiano.

Sobre Júlia Soêmia, a **História Augusta** (Vida de Heliogábalo, 4, 1-3) diz que foi a única mulher a ser considerada membro do Senado romano durante o governo de seu filho Heliogábalo, tendo organizado uma espécie de Senado formado por mulheres. Esse mesmo documento menciona que Júlia Mesa assistiu à sessão do Senado (**História Augusta**, Vida de Heliogábalo, 15, 6; 12, 3). Dião Cássio (**História Romana**, LXXIX, 17, 2) também comenta sobre a presença de Júlia Mesa e Júlia Soêmia em reunião do Senado.

E durante o governo de Severo Alexandre, aclamado imperador em 222 com apenas treze anos, Herodiano (**História do Império Romano**, V, 5, 8-9) conta que até na guerra havia a presença das decisões da mãe do imperador, Júlia Mamea:

Mas Alexandre falhou ao não invadir o território com seu exército [referindo-se à guerra contra os persas], por um lado por temor, para não arriscar sua vida em defesa do Império Romano, por outro lado porque sua mãe o segurava por covardia feminina e por um exagerado amor pelo seu filho. Ela, neste sentido, debilitava seus valorosos impulsos, convencendo-o de que outros deveriam se arriscar por ele e ele não deveria se colocar no meio da batalha.

Dessa forma, a força do poder das mulheres da corte severiana também foi percebida e muito frisada pelos escritores do contexto. Tal poder certamente é um elemento da imagem negativa de Heliogábalo, complementando a desqualificação de aspectos de sua virilidade.

4. Propondo uma análise interseccional

Apresentados os aspectos das críticas a Heliogábalo em termos de identidade cultural e gênero, não podemos deixar de considerar outro elemento que diz respeito a seu *status* imperial e hierarquia social. Como imperador, ele deveria ser aquele de mais alta dignidade (*dignitas*), o mais virtuoso (o *uir* romano por excelência). O regime de gênero para os grupos das elites, em especial para a família imperial, era mais normativo, como podemos ver nas diversas críticas sobre performances de gênero e práticas afetivo-sexuais dos imperadores nos textos que chegaram até nós do Principado, como as próprias obras de Herodiano e Dião Cássio, ou os poemas de Marcial e Juvenal, as biografias de Suetônio, dentre outros. Como busquei mostrar, Heliogábalo é tido como um desvio total para os padrões de gênero normativos desses aristocratas, e isso se torna ainda mais marcante, se cruzarmos com sua identidade cultural considerada bárbara, também desviante dos códigos identitários da elite governante e ligada ao não viril. Portanto, ele performatiza práticas desviantes, em termos de barbaridade e gênero, que se cruzam, como vemos nos textos de seus detratores.

Diante disso, faz-se fundamental um olhar legado pelos estudos pós-coloniais, os quais analisam interseccionalidades entre aspectos de gênero, raça e classe. Para tais estudos, centrados em documentos da contemporaneidade, temos marcadores de diferenças dentro desses três aspectos, que precisam ser analisados de forma articulada e sem hierarquias para a desconstrução de categorias tidas como universais, como *mulheres*, por exemplo. Portanto, em um estudo sobre mulheres, é preciso perceber outros elementos sobre aquelas que estão sendo estudadas, uma vez que a análise de mulheres negras latino-americanas apresenta elementos muito distintos de um estudo de mulheres brancas universitárias da classe média francesa, por exemplo. Assim sendo, a análise de um imperador de origens síriacas, tão marcado por essa identidade cultural nos textos, precisa ser interseccional.

Entretanto, tais termos propostos pelos estudos pós-coloniais devem ser pensados para a análise do Império Romano, uma vez que os conceitos de *raça* e *classe* não cabem para o período. Dessa forma, por se tratar de performances de gênero (ligadas, de certa forma, também às construções sobre usos dos prazeres, como busquei mostrar), opto aqui por identidades culturais e *status* social. Assim – ressaltado – tais interseccionalidades devem ser devidamente pensadas para o contexto romano e para as imagens discursi-

vas dos imperadores. Portanto, estou incorporando reflexões teorizadas para pensar relações próprias da contemporaneidade, traduzidas para o contexto do Principado e para a análise da representação de um imperador específico.

Heliogábalo se vestia e se maquiava como povos medos e fenícios que, por sua vez, se assemelhavam às mulheres nesse sentido; dançava de maneira bárbara, também feminina; objetivava a emasculação, característica de cultos orientais como os cultos à deusa Cibele da Frígia e Atargátis da Síria (e, ao que os textos parecem indicar, ao próprio deus Elagabal de Emesa); sua dinastia, de origens também orientais, tinha a forte participação de mulheres no poder, influenciando diretamente os imperadores, fazendo coisas consideradas pelos gregos e romanos como próprias de homens, desde Júlia Domna até Júlia Mamea. O poder das Júlias é, então, comparável ao das rainhas assírias Semíramis e Nitócris. Júlia Mamea, por sua vez, vendo o que acontecia com o jovem imperador, buscará uma educação viril grega e romana para Severo Alexandre, diferente daquela recebida por Heliogábalo.

Dessa maneira, em diversas passagens mostradas, os textos dos detratores do imperador síriaco relacionam aspectos de suas práticas político-administrativas com sua identidade cultural, diretamente ligada, por sua vez, a um universo feminino e subalterno, visando mostrar uma identidade que articula aspectos considerados negativos (nos dois sentidos) na pessoa que ocupa o mais alto cargo do Império Romano. Assim sendo, a análise aqui realizada percebe que as intersecções entre a construção da identidade cultural bárbara, o *status* de imperador e a construção de gênero (performances e usos dos prazeres) sobre a imagem de Heliogábalo não podem ser hierarquizadas em termos de alguma condição primária, bem como não devem ser analisadas separadamente para uma melhor compreensão de sua representação textual.

Considerações finais

Diante do que foi apresentado, acredito que existem aspectos que se cruzam nas representações sobre Heliogábalo trazidas pelos diversos suportes culturais – tais como os textos aqui analisados –, criando um sujeito extremamente indigno do cargo imperial por fugir da combinação entre convenções de ordem social, *status* e poder masculino (de *autorictas*), da contenção aos usos dos prazeres e normas de gênero (da *uirtus*/ἀρετή da *gravitas*/Σωφροσύνη) e de vários outros elementos em torno da identidade greco-romana de elite do Império, baseada em um modelo de educação e

cultura (da *humanitas*, da *παιδεία*), como o respeito aos cultos religiosos mais tradicionais e uso da característica toga romana.

Portanto, a imagem de Heliogábalo nos ensina muito sobre vários aspectos da política, da governabilidade, das culturas plurais da época imperial, bem como sobre a existência de uma cultura de elites necessária à ordem e ao governo do Império. Sua imagem nos ajuda também a pensar tanto em termos de normas como de desvios, de representações e possibilidade de existências e de práticas no contexto do Principado.

Documentação escrita

CASSIUS DIO. **Dio's Roman History**. Trad. Earnest Cony. London/Harvard: William Heinemann, Harvard University Press, s/d.

DIODORO DE SICILIA. **Biblioteca Historica**. Libros I-III. Trad. Francisco Parreu Alasà. Madrid: Gredos, 2001.

FILÓSTRATO. **Vidas de los Sofistas**. Trad. María Concepción Giner Soria. Madrid: Editorial Gredos, 1982.

HERODIANO. **Historia del Imperio Romano después de Marco Aurelio**. Trad. Juan J. Torres Esbarranch. Madrid: Editorial Gredos, 1985.

HERÓDOTO. Livro I – Clio. *In*: _____. **Histórias**. Trad. J. Brito Broca. São Paulo: Ediouro, 2001, p. 43-184.

PHILOSTRATUS. **The Life of Apollonius of Tyana**. V.1. Trad. Cristopher P. Jones. Cambridge/Massachusetts/London: Harvard University Press, 2005.

SCRIPTORES. **Histoire Auguste. 1^{re} partie: Vies de Macrin, Diaduménien et Héliogabale**. T. III. Trad. R. Turcan. Paris: Les Belles Lettres, 2002.

Documentação primária numismática

MATTINGLY, H.; SYDENHAM, E.; SUTHERLAND, C. (Eds.) **The Roman imperial coinage**. Part II. Macrinus to Pupienus.V.IV. London: Spink & Son LTD, 1938.

Referências bibliográficas

ARRIZABALAGA Y PRADO, L. **The emperor Elagabalus**. Fact or Fiction? Cambridge: Cambridge University Press, 2014.

BARBO, D. O homoerotismo e a cultura política falocêntrica na Atenas clássica. *Escritas*, v. 1, p. 229-254, 2008.

BOWERSOCK, G. W. **Greek sophists in the Roman Empire**. Oxford: Clarendon Press, 1969.

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CROOK, J. *Consilium Principis*. Imperial councils and consellers from Augustus to Diocletian. New York: Arno Press, 1975.

DE BLOIS, L. Emperor and Empire in the Works of Greek-speaking Authors of the Third Century AD. *In: ANRW*, II, 34, 4. Berlin: De Gruyter, 1998, p. 3391-3443.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade**. O uso dos prazeres. V.II. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

GONÇALVES, A. T. M. **A oposição aos imperadores durante o período dos Severos: uma análise da obra de Herodiano**. Dissertação (Mestrado), São Paulo: USP, 1996.

HALPERIN, D. **One Hundred Years of Homosexuality: and other Essays on Greek Love**. London: Routledge, 1990.

HUSKINSON, J. Looking for culture, identity and power. *In: HUSKINSON, J. (Ed.) Experience Rome*. Culture, identity and Power in the Roman Empire. New York: Routledge, 2000, p. 3-27.

_____. Elite culture and the identity of Empire. *In: HUSKINSON, J. (Ed.) Experience Rome*. Culture, identity and Power in the Roman Empire. New York: Routledge, 2000, p. 95-123.

ICKS, M. The depraved devotion of Elagabalus: Images of the priest-emperor in the visual and Performing arts. *In: CARLÀ, F.; BERTI, I. (Eds.) Ancient Magic and the supernatural in the Modern Visual and Performing Arts*. London/New York: Bloomsbury, 2015, p. 211-224.

KEMEZIS, A. **Greek narratives of the Roman Empire under the Severans**. Cassius Dio, Philostratus and Herodian. Cambridge: Cambridge University Press, 2014.

MANDERS, E. **Coining Images of Power**. Patterns in the Representation of Roman Emperors on Imperial Coinage, A.D. 193–284. Leiden/Boston: Brill, 2012.

MISKOLCI, R. Estranhando as Ciências Sociais: notas introdutórias sobre Teoria *queer*. **Revista Florestan**, São Carlos-SP, v. 1, n. 2, p. 8-25, 2014.

PISCITELLI, A. Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. **Sociedade e Cultura**, Goiânia, v.11, n.2, p. 263-274, jul./dez., 2008.

RIBEIRO, B. I. **Para além da heteronormatividade**: uma análise dos eunucos representados por Estácio, Marcial e Suetônio (Roma, 80-121 d.C.). Dissertação (Mestrado), Assis-SP: UNESP/Assis, 2016.

SAID, E. **Orientalismo**. O Oriente como invenção do Ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SILVA, S. C. **O Império Romano de Filóstrato nas viagens da Vida de Apolônio de Tiana**. Tese (Doutorado), Franca-SP: UNESP/Franca, 2014.

TEIXEIRA, C. Os paralelos ficcionais entre a biografia de Heliogábalo na *História Augusta* e a *Cena Trimalchionis do Satyricon* de Petrónio. **Cadmo - Revista de História Antiga**, v. 17, p. 229-242, 2007.

_____. Heliogábalo e o culto do Sol: ascensão e queda de uma divindade. In: FIALHO, M. C.; D'ENCARNAÇÃO, J.; ALVAR, J. (Coords.) **O Sol greco-romano**. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos/Centro de Estudos Arqueológicos das Universidades de Coimbra e Porto/ Universidad Carlos III – Instituto de Historiografia Júlio Caro Baroja, 2008, p.193-201.

THUILLIER, J-P. Virilidades romanas: *vir*, *virilitas*, *virtus*. In: CORBIN, A. (*et al.*) **História da virilidade**. Petrópolis: Vozes, 2013, p. 74-124.

VEYNE, P. **O inventário das diferenças**. História e Sociologia. São Paulo: Brasiliense, 1983.

WALLACE-HADRILL, A. **Rome's Cultural Revolution**. Cambridge/New York: Cambridge University Press, 2008.

WOOLF, G. Becoming roman, staying greek: culture, identity and civilizing process in the Roman East. **PCPhs**, Cambridge, v. 40, p. 116-143, 1994.

_____. **Becoming Roman**. The origin of provincial Civilization in Gaul. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

Notas

¹ Sobre o potencial político de um olhar *queer* para os objetos de estudos, bem como sobre o conceito de *abjeto* dentro desta vertente teórica, sigo o que aponta Richard Miskolci (2014), que apresenta abjeto como pessoas e grupos que as sociedades consideram ameaçadores a sua visão idealizada sobre si própria. Assim, os estudos *queer* têm se caracterizado por criação de conhecimento por meio do abjeto, ao

mesmo tempo que realizam um ato político, uma vez que apresentam uma perspectiva crítica contestatória das normatizações identitárias – o que acredito ser potencialmente interessante também para a interpretação da Antiguidade.

² Sobre as datas aproximadas de vida dos autores trabalhados, a quem chamo de detratores de Heliogábalo por difamarem o *princeps*, temos que Dião Cássio viveu entre 165-235, Filóstrato entre 160/170-240 e Herodiano entre 180-250. Portanto, os escritores foram contemporâneos de Heliogábalo, embora suas obras certamente tenham sido dadas a ler pouco tempo após a morte do imperador, pois eles não o difamariam ainda vivo. Para mais informações sobre tais escritores e seus textos, sugiro as leituras de DeBlois (1998) e Kemezis (2014). Dentre a produção nacional, especificamente sobre Herodiano, sugiro a leitura de Gonçalves (1996), e sobre Filóstrato, a leitura de Silva(2014).

³ Embora este artigo faça algumas menções a **História Augusta**, outra importante documentação em torno de Heliogábalo, esta fonte não será analisada aqui por toda problemática que a envolve e pelo contexto diferente dos autores trabalhados, necessitando de outro tipo de tratamento enquanto testemunho sobre Heliogábalo. Sobre tal problemática, ver Teixeira (2007).

⁴ O termo *transexualidade* está sendo usado neste artigo, mas destaco que não é usado na documentação antiga que comenta sobre uma possível cirurgia que Heliogábalo desejava fazer para ter uma vagina – no caso, o texto de Dião Cássio – nem há um termo a ele equivalente para se referir a identidades e processos contemporâneos conhecidos como transgeneridade/transexualidade/travestilidade. Dião Cássio trata do processo sem usar um termo específico para denominá-lo. Benedito Inácio Ribeiro (2016), ao estudar as representações de gênero e de interferência no corpo dos sacerdotes da deusa Cibele no contexto do Principado, chama tal prática de emasculação.

⁵ Tais como a moeda disponível em: <<http://www.cngcoins.com/Coin.aspx?CoinID=290845>>. Acesso em: 10/09/2017.

⁶ Juan Torres Esbarranch (1985, p. 262), tradutor da obra de Herodiano, Editora Gredos, acredita que o escritor esteja se referindo a Comazon quando fala das absurdas nomeações de pessoas ligadas ao teatro e à arte da dança feitas por Heliogábalo – entre elas, a de um homem que fora dançarino e ator em Roma nomeado prefeito do pretório.

⁷ Além desta passagem, que leio como uma metáfora, temos a aversão de Filóstrato a Heliogábalo claramente exposta na obra **Vidas dos sofistas** (II, 624), quando o biógrafo chama o imperador de tirano (τύραννος).

⁸ Estamos utilizando o conceito de *usos dos prazeres* dentro da proposta de Michel Foucault (2010), que considera a utilização do termo *sexualidade*, ao trabalhar a

História da Antiguidade Clássica, implicando alguns problemas, uma vez que *sexualidade* cobre um campo muito mais amplo do que as noções sobre prazeres usadas na Antiguidade greco-romana. Além do mais, a noção de sexualidade foi estabelecida no século XIX em relação a outros fenômenos, como o desenvolvimento de campos do conhecimento diversos, a instauração de um conjunto de regras e de normas, em parte tradicionais e em parte novas, apoiadas em instituições médicas, judiciárias, pedagógicas e religiosas. Ainda que Foucault denomine os três volumes de sua **História da Sexualidade** desta forma, no volume 2 ele ressalta a existência de termos como Αφροδίσια e *venerea*, no grego e no latim, para tratar das *coisas* ou *prazeres do amor*. Tais noções, como percebeu Foucault (2010, p. 49), também estavam dentro de um campo de cuidados e problemas morais nos textos da Antiguidade Clássica, ainda que diferente da noção trazida pelo conceito de *sexualidade* a partir do século XIX.

⁹ Sobre o conceito de *performance de gênero*, utilizo como referência a proposta de Judith Butler e da teoria *queer*. Butler (2003) analisa o processo no qual a identidade, no caso aqui de gênero, é construída no interior da linguagem e do discurso, e entende os gêneros como *performances* preexistentes ao *performer*. Assim, valendo-me de tal proposta, busco entender como a construção discursiva das críticas a Heliogábalo por seus detratores parte de modelos de regulação das experiências sexuais e dos comportamentos de gênero construídos dentro da ótica greco-romana de elite marcada nos textos.

¹⁰ Cumpre aqui lembrar, como apresenta Ribeiro Junior (2016), que não há como definir pelas fontes (que não carregam esse dado) se as castrações e emasculações no período do Império eram realizadas com a retirada apenas dos testículos, somente do pênis ou dos dois órgãos. Entretanto, friso, tais práticas existiam.

¹¹ David Halperin (1990) define o poder centrado na construção do masculino pelas antigas sociedades grega e romana da Antiguidade Clássica como falocêntrico. Embora Halperin não denomine as culturas da Grécia e do Império Romano como falocentristas, sigo a ideia de aplicação do conceito de *cultura falocêntrica e falocentrismo*, desenvolvido por Daniel Barbo (2008) em sua leitura sobre a cultura da sociedade ateniense clássica, aplicando-o aqui à cultura imperial do Principado. E lembrando que o Império Romano não era formado por uma única cultura, certamente, mas que há aspectos culturais greco-romanos em interação, centrais na governabilidade imperial – tese que trabalho, como já comentado.

¹² Semíramis também é citada por outros autores como Ctésias de Cnido (**Pérsica**), Diodoro Sículo (**Biblioteca Histórica**), Suetônio (**Vidas dos Doze Césares**, Vida de Júlio César) e Luciano de Samósata (**A deusa síria**), obras anteriores à de Dião Cássio.